

Exposições de Arquitetura: Uma cena crítica

Fabio Pina

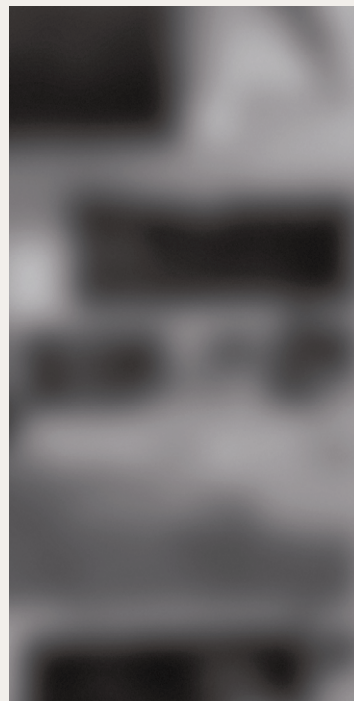
Arquiteto e urbanista, com prática em projetos universitários, doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA e membro do LEIA.

Junia Mortimer

Docente do Departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG e professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Coordenadora do Grupo LEIA.

Técio Martins

Arquiteto e urbanista, doutorando no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA e membro do LEIA.



Um dos principais desafios insistentemente enfrentados por quem se interessa por exposições de arquitetura e de urbanismo é a impossibilidade de trasladar para o espaço museal o objeto tectônico ou urbanístico a ser exibido. As exposições de arquitetura e de urbanismo constituem, portanto, exercícios de tradução ou de traslado que “não são neutros; eles possibilitam e participam de uma economia política do trabalho cultural ligada a sistemas de valor social”, como argumenta Patricio del Real (2023). Além disso, nesse processo, há necessariamente perdas:

Entrar no museu de arte implica geralmente uma perda para a arquitetura. Ao contrário da arte, é quase impossível expor edifícios no interior de espaços museológicos. (...) As exposições (...) fazem-nos experienciar a arquitetura por meio de sua representação, sobretudo desenhos, fotografias e maquetes. O trabalho curatorial em arquitetura pode, então, ser entendido como um enfrentamento com a representação. No entanto, é precisamente esse enfrentamento em torno de como *re-apresentar* a arquitetura que torna a curadoria um trabalho de dimensão cultural, e não apenas a apresentação de um objeto, como se houvesse um significado essencial a ser capturado e exposto ao público. As exposições de arquitetura necessariamente revelam o espaço do museu como um canteiro de obras cultural. (Del Real, 2023)

A reflexão em torno desse movimento, que até hoje recebe atenção de muitos teóricos, historiadores e críticos de arquitetura (Wisnik, 2023; Del Real, 2023), começou a ganhar uma densidade considerável quando, desde 1980, com a *I Bienal de Veneza*, amadureceu-se a noção de arquitetura

como cultura e, portanto, como campo social (Bourdieu, 1996) constituído não somente pelo objeto tectônico em si, mas por uma pletera de outros artefatos e documentos, entre desenhos técnicos, croquis e fotografias, que, ao operarem processos de representação, incidem também no processo de produção do espaço. Para a teórica e curadora Beatriz Colomina (1988), o sentido moderno da arquitetura não estaria no ato construtivo em si, mas sim no “ato interpretativo, no ato crítico” (p. 7). Recuperando as reflexões de Walter Benjamin e Manfredo Tafuri, Colomina argumenta que o “modo como a arquitetura é produzida, comercializada, distribuída e consumida é parte da ‘instituição arquitetura’ – isto é, do modo como o papel da arquitetura na sociedade é percebido e definido na era da reprodução em massa e da indústria cultural.” (1988, p. 17).

Num espectro temporal mais amplo, Berry Bergdoll (2015) demonstra que apresentar projetos para a visualização do público e como dinâmicas de competição dentro das academias já era uma prática no século XVIII, mas toma como um marco na trajetória das exposições de arquitetura o esforço de arquitetos em 1760 para expor trabalhos, em Londres, a um público externo à profissão. Nessa ocasião, não era pré-requisito ser aluno ou membro de uma academia e as imagens expostas poderiam ser comercializadas. Essa forma de expor passou a ocorrer também em outras cidades como Paris, Berlim, São Petersburgo, ou outras que tinham academias de formação profissional. No entanto, segundo Eduardo Costa (2021), é a partir das últimas décadas do século XX que historiadores de arquitetura deram um novo foco para o campo, “contribuindo para uma transformação na própria compreensão do que vem a ser arquitetura” (p. 139). Isso se deu ao lançar luzes sobre as produções imagéticas dos arquitetos, seja pela representação técnica, fotografia ou por outros meios que criavam espacialidades por meio de imagens:

Se a Grande Exposição, realizada em Londres no ano de 1851, é um marco singular da industrialização e da racionalização da arquitetura, as exposições da primeira metade do século XX são também recorrentemente apresentadas como estruturas importantes na definição de linguagens tectônicas, que expressam posições políticas de estados (Al Assal, 2014; Greenhalgh, 1988). Mas, novamente, a partir do fim dos anos 1970, as exposições de arquitetura ganharam outro significado. Em vez de se apresentarem como dispositivos de exibição daquilo que se construía ou se pretendia construir, as exposições foram tomadas como lugares de pesquisa ou proposição de novas agendas políticas e culturais. (Costa, 2021, p. 139)

Costa chama atenção, neste texto, para as exposições de arquitetura como parte de uma tríade de possibilidades da atuação contemporânea em arquitetura e urbanismo, junto com os arquivos e as publicações, que indicam movimentações na episteme do próprio campo, isto é, em como se produz esse conhecimento e o que o delimita. Em relação à argumentação proposta por Colomina, em torno de produção e reprodução, a proposta de Costa, quase 30 anos depois, sinaliza para uma ampliação de abordagem que não apenas integra a representação como parte da “instituição arquitetura”, mas que explode essa mesma instituição para reconfigurá-la como atividade de designar contornos (design) e que atravessaria esses três espaços de ação (e atuação profissional).

Fato é que, desde a década de 1980, a institucionalização de iniciativas envolvidas com acervos, exposições e publicações em torno de arquitetura marcou o surgimento de centros importantes, entre as quais o Centro Canadense de Arquitetura (CCA), fundado em Montreal em 1979; o Centro de Arquivos de Arquitetura Contemporânea da Cité de l'Architecture, em Paris, em 1986; e o Instituto de Arquitetura da Holanda (NAI), em 1993. A reflexão em torno e a partir de exposições de arquitetura aparece, por exemplo, desde 1993, no *Journal of the Society of Architectural Historians* (JSAH), que inaugurou naquele ano uma sessão dedicada a resenhas de exposição de arquitetura, com a participação de Eve Blau como editora responsável. Em um texto seu de 1998 a propósito do tema, intitulado “Exhibiting Ideas”, Blau argumenta em torno da especificidade de uma resenha de exposição de arquitetura, diferindo-a das resenhas de catálogo ou de livro. Para ela, as exposições de arquitetura naquele momento já tinham se proliferado pelo mundo, demonstrando um reconhecimento do crescente papel delas na disseminação do conhecimento arquitetônico para um público amplo: “se tornaram importantes lugares de pesquisas novas e de inovação metodológica que contribuíram de modos significativos para repensar as fronteiras conceituais e disciplinares da história da arquitetura e da arquitetura ela mesma.” (Blau, 1998, p. 256).

Continuando, Blau acrescenta ainda duas outras considerações importantes para essa discussão. Primeiro, ela retoma a ideia de que a arquitetura não concerne somente a objetos do ambiente construído, mas a um modo de pensar e de estar no mundo. Segundo, há também uma especificidade de como as exposições de arquitetura tendem a organizar seus assuntos a fim de defender uma determinada ideia, isto é, o argumento da exposição. De caráter mais alusivo do que explicativo, as exposições de arquitetura frequentemente operam por meio de aproximações e montagens, “apresentando visualmente o assunto e construindo seu argumento espacialmente.” (1998, p. 256). Esse processo constitui uma estrutura discursiva que permite aos curadores trazer questões teóricas ou históricas de um modo menos conclusivo e mais especulativo e sugestivo, conforme Blau descreve.

No Brasil, o Núcleo de Documentação e Pesquisa da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NPD FAU UFRJ) foi fundado no Rio de Janeiro em 1982. É relativamente recente, no entanto, no contexto brasileiro, a proeminência de estudos e práticas expositivas de arquitetura e de urbanismo numa dimensão de episteme a partir da reflexão e da experimentação, especialmente nas universidades. No Brasil e na América Latina, eventos acadêmicos e publicações dos últimos anos atestam esse crescente interesse não somente histórico e reflexivo em torno das exposições, mas também prático e heurístico, sobretudo na sua íntima relação com os arquivos. São índices dessa análise as sessões temáticas em torno do tema que têm acontecido em eventos de alcance internacional, como a 18ª Conferência Internacional do Docomomo (2024), no Chile, ou nacional, como o 8º Enanparq, no Rio de Janeiro (2024). Também inúmeras publicações críticas têm buscado discutir potencialidades e limites do exercício curatorial e expositivo no campo da arquitetura e do urbanismo (Wisnik, 2018; Marquez, 2020; Costa, Mortimer, 2023; Del Real, 2023). Um dos fatores mais recorrentes nessas discussões hoje, para além de uma pedagogia da imagem para o público amplo no campo da arquitetura e do urbanismo, é a discussão política na relação exposições e arquivos, diante das movimentações dos acervos pelo mundo:

O que tem sido construído nas exposições de arquitetura, e como? Qual é a experiência e o conhecimento que se tem produzido? Essas são questões fundamentais de curadoria. A virada arquivística nas práticas curatoriais e o recente problema da migração de arquivos tornam essas questões ainda mais relevantes e prementes nos dias de hoje. (Del Real, 2023)

Professor do Departamento de História da Arte e da Arquitetura de Harvard e co-curador da exposição *Latin America in Construction 1955-1980*, realizada no MoMA em 2015, Patricio del Real – que também colabora com este dossiê – colocou-se o desafio, enquanto era editor da seção de resenhas de exposições do *JSAH* (de 2020 a 2023), em plena pandemia COVID-19, de dialogar com teóricos, críticos, historiadores e arquitetos brasileiros e latino-americanos. No evento online *Brazil Speaks! Architecture Culture at Risk*, de abril de 2022, mediado por Victor Próspero e Catarina Flaksman, a questão da “fuga dos arquivos” foi incontornável. Esta foi uma entre as tantas formas de pautar, naquele momento, no âmbito internacional, o acalorado debate que se travava em cenário brasileiro em torno das condições de armazenamento dos documentos e da movimentação de arquivos do Sul para o Norte Global como sintoma e alerta de uma cultura em risco. Nesse sentido, as atividades realizadas pelo grupo “Arquivos, Fontes e Narrativas”¹, sediado na FAUUSP – notadamente os dois seminários realizados em 2018 e 2021 e a publicação de Castro, Carvalho, e Costa (2021) em torno de arquivos e historiografia – pautaram o debate dos arquivos no campo da arquitetura e do urbanismo, especialmente no que concerne às políticas de preservação, e amplificaram as discussões para além do grupo de pesquisa.

Nesse contexto, um dos mais atuantes é a Casa de Arquitectura (CA). Apesar de ter sido criada em 2007, pela Câmara Municipal de Matosinho, Portugal, a instituição teve seu ato inaugural somente em 2017 (Peixoto, 2017). Inicialmente, o projeto arquitetônico para a sede seria de Álvaro Siza e, na ocasião, foi pactuada a transferência de seu acervo, assim como de outros arquitetos portugueses. No entanto, por financiamento insuficiente, o projeto não foi construído (Cruz, 2018) e, por volta de 2014, um grande debate ocorreu diante da ameaça de deslocamento do acervo do arquiteto português, vencedor do prêmio Pritzker (1992), para o CCA, no Canadá (Andrade, 2014). Por fim, a doação do acervo de Siza não contemplou a CA, tendo sido destinada para 3 outras instituições: o CCA; a Fundação Serralves; e à Fundação Calouste Gulbenkian. Nos dias de hoje, a CA, que tem sua sede na Real Vinícola, é uma das instituições que tem promovido um espaço para arquivamento, pesquisa, exposição e publicação de trabalhos de arquitetos de todo o mundo. Seu modelo de atuação é semelhante àqueles já implementados desde os anos 1980 e 1990, como o CCA (1979) e o NAI (1993/2013), entre outros, no sentido de reunir fontes e fomentar a visibilidade dos trabalhos. No entanto, a partir das reflexões decoloniais, não seria este modelo uma forma de neocolonização? É importante notar que a transferência do acervo de Siza para o Canadá faz parte de uma dinâmica que desterritorializa arquivos e que tem gerado questionamentos não só no âmbito da arquitetura e do urbanismo, abrindo novas frentes de debates, apesar das

1. Atualmente, sob coordenação de Joana Mello e Junia Mortimer, o grupo mantém atividades que buscam enfrentar os desafios do arquivo tendo em vista também a pesquisa expográfica que eles subsidiam.

nuances de cada caso. No cenário brasileiro, o processo ganhou evidência, em 2020, quando a CA anunciou o recebimento do acervo de Paulo Mendes da Rocha; seguido dos acervos de Lucio Costa (2021), Assis Reis (2023), e Éolo Maia e Jô Vasconcellos (2024). Muito se debateu em torno do assunto (Costa, 2022), pela dimensão de neocolonialidade implicada no deslocamento dessas coleções, que depositam, para além do registro de uma atuação profissional, uma responsabilidade cívica e pública, senão comum. No entanto, apesar dos esforços de mobilização de instituições públicas, governamentais e não-governamentais, em cartas públicas e federações, continuamos até então, enquanto cidadãos brasileiros, sem políticas públicas destinadas à salvaguarda, manutenção e disponibilização de acervos de arquitetura..

Sem se desvencilhar desse embate, mas tomando-o por outra frente, este dossiê, oriundo de uma reflexão coletiva a partir da exposição *Urbanos Arquivos*, desloca sutilmente o foco da discussão dos *acervos de arquitetura para a arquitetura nos acervos*, de modo a renunciar à exclusividade dos documentos que resultam da atuação da/o profissional liberal arquiteta/o como “produtor” de cidade (Benjamin, 2012), na direção de incluir fragmentos visuais, especialmente fotografias, que testemunham a construção de uma cidade, a produção e apropriação de seus espaços, por meio de tantos outros “fazedores de cidade” (Agier, 2015).

Em 1989, o CCA celebrou seus 10 anos de fundação com a exposição *Architecture and Its Image: Four Centuries of Architectural Representation*, com curadoria de Eve Blau e Edward N. Kaufman. Na exposição, entre desenhos e gravuras, as fotografias firmaram a condição da mídia de massa que, conforme defende Colomina (1994) em seu livro *Architecture as Mass Media*, é também a condição de existência da arquitetura moderna. A relação entre fotografia e arquitetura é discutida já há muito tempo (Robinson & Herschman, 1990), sendo recorrente a explicação dessa relação desde antes de meados do século XIX, pela condição imóvel e estática do objeto construído, favorecendo a captura da imagem com a baixa velocidade disponível pela técnica no momento. Em outras oportunidades, já nos debruçamos sobre o tema (Mortimer 2015, 2016 e 2017), de modo a complexificar essa relação a partir de um campo de forças entre essas práticas, fotográfica e arquitetônica, no qual são temporariamente suspensos os seus limites, com a fotografia e a arquitetura confluindo suas gênesis e sínteses num *campo em expansão*. Nessas ocasiões, no entanto, focamos em fotógrafos de arquitetura e artistas para elaboração da argumentação. O que acontece se tomarmos a imagem documental, a fotografia menor, a prática vernacular e cotidiana como fonte e lugar de problematização?

O que trazemos a público em *Urbanos Arquivos* não é fotografia de arquitetura, mas sim a arquitetura fotografada – arquitetura como prática social e coletiva (Mortimer, 2023). A exposição sugere a releitura da historiografia do urbanismo e arquitetura através do Arquivo Afro-Fotográfico Zumvi e do Acervo Arlete Soares, cujos fotógrafos capturam, aos seus modos de visualização da cidade de Salvador, não somente uma quasi-refratária cidade tectônica resultante da prática de arquitetos como José Filgueiras Lima e Lina Bo Bardi, mas também a insubmissa cidade provisória e movediça que se faz cotidianamente em mais de 82% de seu território².

2. Dados coletados na pesquisa elaborada pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil e realizada pelo Instituto Datafolha, em 2022.

ARQUITETURA NOS ARQUIVOS

A pesquisa que fundamentou a elaboração da exposição correlaciona-se a diversas narrativas que estão em construção desde o início do século XX, no sentido de compreender lacunas evidenciadas por manifestações críticas às formas colocadas na construção da leitura da cultura, na arte e arquitetura moderna. Narrativa essa que, desmesuradamente, exclui formas outras de apreensão da formação e contextualização de territórios, sejam eles urbanos ou rurais. Nesse sentido, alinhados com os apontamentos críticos de Colomina e Costa, argumentamos em complemento que, ao produzirem uma imaginação fotográfica de Salvador, sedimentada nos seus acervos, Lázaro Roberto dos Santos e Arlete Soares são também eles re-produtores dessa cidade.

Referências

- AGIER, Michel. Do Direito à Cidade ao Fazer-Cidade. O Antropólogo, a Margem e o Centro. **Mana**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 483-498, dez., 2015.
- ANDRADE, S. C. Siza dividido entre Portugal e o Canadá. **Público**, 17 julho 2014. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2014/07/17/culturaipilon/noticia/mais-siza-1663334>>. Acesso em: 06 fev. 2025.
- BENJAMIN, Walter. O Autor como Produtor. In: **Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre a Literatura e História da Cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BERGDOLL, Berry. Out of Site/In Plain View: On the Origins and Actuality of the Architecture Exhibition. In: **Exhibiting Architecture. A Paradox?**, p. 13-21, 2015.
- BLAU, Eve. Exhibiting Ideas. In: **Journal of the Society of Architectural Historians**, v. 57, p. 256-366, set., 1998.
- CASTRO, Ana; CARVALHO, Joana; COSTA, Eduardo (orgs). **Arquivos, memórias da cidade, historiografias da arquitetura e do urbanismo**. Coleção Caramelo. FAUUSP, São Paulo: 2021
- COLOMINA, Beatriz. **Architecture production and reproduction**. Princeton Architectural Press: 1988.
- COLOMINA, Beatriz. **Privacy and Publicity: Modern Architecture as Mass Media**. MIT Press: 1996.
- COSTA, Eduardo Augusto. Mudanças epistemológicas na arquitetura: entre arquivos, exposições e publicações. **ESTUDOS HISTÓRICOS**, v. 34, p. 129-147, 2021.
- COSTA, Eduardo Augusto. Lucio Costa na Europa: O papel dos acervos e a arquitetura brasileira. **Revista Novos Estudos**. CEBRAP. São Paulo, V.41, n.02. pp. 371-386. Maio-Agosto, 2022.
- COSTA, Eduardo; MORTIMER, Junia (orgs). 2023. **Desvios da Arquitetura: Imagem e Cultura Contemporânea**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.
- CRUZ, V. À espera de Siza. **Expresso**, 17 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://expresso.pt/cultura/2018-11-17-A-espera-de-Siza>>. Acesso em: 06 fev. 2025.

DEL REAL, Patricio. Aí Estão os do MoMa. Sobre traduzir a arquitetura para o museu. In: **Exposições de Arquitetura**, v. 278, jul., 2023.

MARQUEZ, Renata. Quase-etnógrafa-etc. **Revista Mundaí. Encontro de Saberes: Transversalidades e Experiências**, n. 9, 2020.

MORTIMER, Junia Cambraia. **Olhares sobre a arquitetura, arquiteturas do olhar: uma outra abordagem para o imaginário fotográfico contemporâneo do espaço construído**. 2015. 2 v. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, 2015.

MORTIMER, Junia Cambraia. **Construção e atualização: duas premissas para uma abordagem da fotografia do ambiente construído**. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, v. 21, p. 8-25, 2016.

MORTIMER, Junia Cambraia. **Arquiteturas do olhar: imaginários fotográficos do espaço construído**. Belo Horizonte: Com Arte, 2017.

PEIXOTO, A. C. Casa da Architectura é inaugurada a 18 de novembro. **Público**, 28 de junho de 2017. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2017/06/28/culturaipsilon/noticia/casa-da-arquitectura-e-inaugurada-a-18-de-novembro-1777241>>. Acesso em: 06 fev. 2025.

ROBINSON, Cervin; HERSCHMAN, Joel. **Architecture transformed: a history of the photography of buildings from 1839 to the present**. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

TAFURI, Manfredo. **Projecto e Utopia**. Lisboa: Editorial Presença, 1968.

WISNIK, Guilherme. **Espaço em obra: cidade, arte, arquitetura**. Edições Sesc: 2018.

ZIMMERMAN, Claire. Reading the (Photographic) Evidence. In: **Journal of the Society of Architectural Historians**. v. 76, p. 446-448, dez., 2017.

COMO CITAR

PINA, Fabio; MORTIMER, Junia; MARTINS, Técio. Exposições de Arquitetura: Uma cena crítica. **RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura**, n. 12, p. 14-21, 2025.